

nara roesler

karin lambrecht



karin lambrecht

n. 1957, Porto Alegre, Brasil

vive e trabalha em Broadstairs, Reino Unido

Toda a produção de Karin Lambrecht em pintura, desenho, gravura e escultura demonstra uma multifacetada preocupação com as relações entre arte e vida, compreendida em sentido abrangente: trata-se de vida natural, vida cultural e vida interior. Para o pesquisador Miguel Chaia, os processos técnico e intelectual de Lambrecht se inter-relacionam e se mantêm evidentes nas obras para criar uma “visualidade espalhada na superfície e direcionada para a exterioridade”. Seu trabalho é ação que funde corpo e pensamento, vida e finitude.

No início da carreira, Lambrecht repensou a tela e a forma de pintar, em alguns trabalhos ela elimina o chassi, costura tecidos, e usa retalhos chamuscados. A abstração gestual, característica da “Geração 80”, da qual fez parte, possui papel central em seus trabalhos. Sua prática expande a noção tradicional de pintura e estabelece diálogos entre Arte Povera e Joseph Beuys, entre aspectos políticos, mas também materiais. Os volumes pesam como corpos, as delimitações ou negações do espaço dialogam com a escala que seus trabalhos assumem. A partir da década de 1990, a artista inclui materiais orgânicos em suas telas, como terra e sangue, o que determinou, em alguma medida, o repertório cromático que aparece então. Além do sangue animal, são elementos recorrentes em seu trabalho as formas cruciformes e as referências ao corpo, índices de diferentes níveis de identificação do espectador com a obra.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Seasons of the Soul*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Karin Lambrecht – Entre nós uma passagem*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Karin Lambrecht – Assim assim*, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Nem eu, nem tu: Nós*, Espaço Cultural Santander, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Acervo em transformação: Doações recentes*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Alegria: A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *O espírito de cada época*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2015)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)
- *Violência e paixão*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil; Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002)
- 4ª Bienal de Havana, Cuba (1992)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Ludwig Forum für Internationale Kunst, Aachen, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

4	pinturas recentes, 2011–
14	desenhos e gravuras
18	trabalhos sobre papel, 2010–2012
30	instalações
32	pinturas, décadas de 1990 e 2000
39	trabalhos com sangue, 1997–2008
44	pinturas, década de 1980
49	primeiros trabalhos, exercícios de pintura, anos 1980

pinturas recentes 2011–

Nos trabalhos recentes de Karin Lambrecht, pode-se notar o acirramento da relação de sua pintura com o ambiente natural. Em 2010, em viagem à Jerusalém, a paisagem, com sua vastidão, luz e seus cromatismo rico em amarelos, ocre e tons de areia, surtiu grande impacto em sua imaginação. Essa experiência se traduziu em amplos campos de cores brilhantes e complementares da série *Territórios de areia*, de 2011. *Cisternas* e *Moinhos de vento* são dois subgrupos desse conjunto que se ampliará com *Luz-cor*, *Territórios d'Areia*. Nesses trabalhos a luminosidade parece emanar das telas em que se pode perceber os amplos e expressivos gestos da mão da artista. O encontro entre cores quentes e frias cria, ainda, uma complementaridade de sutis gradações.

Cisterna / Territórios d'Areia, 2011
pigmentos em emulsão acrílica,
chuva e cobre sobre lona
170 x 150 cm





Territórios d'Areia II, 2011
cinzas de vegetais queimados,
pigmentos em emulsão acrílica,
goma arábica, água de chuva
e pastel seco sobre lona
190 x 365 cm

Lambrecht também passa a explorar outros processos em que a natureza interfere diretamente sobre a tela. *Durante a chuva*, de 2015, apresenta, por exemplo marcas de pedras e da chuva aos quais ela foi exposta durante seu processo de criação. O uso de carvão em alguns trabalhos, além de acrescentar textura, inaugura zonas de intenso negror que ressaltam o brilho e a transparência característicos em sua manipulação dos pigmentos, criando mais zonas de profundidade.

Com Sol, 2015
pigmentos em meio acrílico
e pastel seco sobre lona
98 x 87 cm





Mundu, 2011/2012
pigmentos em emulsão acrílica,
chuva e marcas de pedras com
caligrafias de pastel seco sobre tela
200 x 340 cm



Night Winter (Noite Inverno), 2010
pigmentos em meio acrílico
e pastel seco sobre lona
64,5 x 46,4 cm



Vós, 2017
pigmentos em medium acrílico
e pastel seco sobre tela
218 x 215 cm



Men and Woman, 2018
pigmentos em medium acrílico
e carvão vegetal sobre tela
162 x 168,5 cm

→
vista da exposição
Cores, palavras e cruzes, 2012
Nara Roesler São Paulo, Brazil
foto © Everton Ballardin
e Nara Roesler







Vazios, 2008
pigmentos em medium
acrílico sobre tela
136 x 255 cm

A mudança da artista para Broadstairs, na ilha de Thanet, no Reino Unido, trouxe mudanças em sua pintura. A luminosidade do local influencia as amplas superfícies de cor com as quais a artista reveste suas telas, que ganha uma paleta mais específica, por vezes mais clara e suavizada.

As tonalidades terrosas e azuladas, típicas de sua pintura, são revisitadas em novos arranjos cromáticos e formais. Com uma luminosidade intensa, suas pinturas apresentam composições entre cores quentes e frias em um encontro harmônico de sutis gradações. Ao invés de contrastes marcados, nos deparamos com uma pintura matizada, menos matérica. Lambrecht ressalta, inclusive, que, agora, as tonalidades vermelhas têm menos relação com a terra, como em trabalhos anteriores, e muito mais a ver com o céu, já que uma das características que mais lhe chamou a atenção em Broadstairs é, justamente, a qualidade avermelhada que ele é capaz de adquirir ao fim do dia.



Primeira lua nova, 2021
pigmentos em emulsão acrílica
e carvão vegetal sobre tela
171 x 206 x 4 cm

vista da exposição
Seasons of the Soul, 2024
Rothko Museum, Letônia



Fragmento, 2021
pigmentos em emulsão
acrílico e carvão vegetal
sobre tela
171 x 171 cm





*Sea, Sun and Summer
in England, 2025*
pigmentos em resina
acrílica, cobre e pastel
seco sobre lona
114 x 131 cm



Lagoinha, 2025
pigmentos em resina
acrílica, cobre e pastel
seco sobre lona
110 x 125 cm

—
vista da exposição
a intimidade da luz, 2025
nara roesler rio de janeiro



trabalhos sobre papel

No início da segunda década dos anos 2000, Karin Lambrecht realiza uma série de experimentos sobre papel. Não se trata de desenhos nem de pinturas, no sentido estrito dos termos, mas de investigações matéricas e pictóricas. *Legendas para Bergman*, realizada entre 2011 e 2012, estrutura-se como conjunto de papéis de seda translúcidos, medindo 135 x 60cm (cada), com colagens de folhas de prata e papel de seda, formando cruzes e letras que compõem palavras e marcações quase invisíveis, configurando uma fala silenciosa no espaço. *Por favor mais luz – A criação do mundo em sete dias*; *Something*; *Luz*; e *Verdades*, todos de 2010, por sua vez, são exemplos de uma prática que faz coexistir uma sucessão de gestos (recortes e dobras), materiais variados (isopor, folhas de ouro e papel), e cores (pigmentos acrílicos que podem recobrir toda a superfície, ou apenas parte dela).

Territórios d'Areia II, 2011
cinzas de vegetais queimados,
pigmentos em meio acrílico,
água de chuva e pastel sobre lona
190 x 365 cm





Yesterday, 2017
ouro, aquarela e feltro sobre papel
75 x 25 cm



Untitled, 2015
monotipia, tecido, linha e folha
de ouro sobre papel japonês
49 x 25 cm



Something, 2010
recortes e dobraduras de papel,
isopor, pigmentos em emulsão
acrílica e folhas de ouro
77 x 53 cm



Luz, 2010
recortes e dobraduras em papel,
gaze, pigmentos em emulsão acrílica
65 x 52 cm



Verdades, 2010
dobraduras e recortes em papel
com folhas de ouro e pigmentos
em emulsão acrílica
60 x 45 cm

*Por favor mais luz—a criação do
mundo em sete dias / pendurada /
uma segunda versão mais resumida
com outra cor, 2009*
cobre, dobraduras em papel,
pigmentos em emulsão acrílica
95 x 60 cm





A casa de São Matheus e Marie, 2009
cobre, dobraduras e recortes
em papel
50 x 50 cm



Jardim à noite, 2011
pigmento em emulsão acrílica
sobre papel, recortes e colagem
e folhinhas de ouro sobre papel
54 x 54 cm



Vento, montanhas enlaçadas, 2015
cetim, pastel seco, feltro, cobre,
colagem e alfinetes sobre papel
105 x 75 cm

O filho do homem, 2015
aquarela, folhas de ouro e prata
com recortes e colagens e costuras
em papeis de seda e feltro branco,
braços de madeira
250 x 120 x 40 cm

→
vista da exposição
Concepção, 2016
Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil
foto © Pat Kilgore e Nara Roesler

→ →
vista da exposição
Cores, palavras e cruzes, 2012
Nara Roesler São Paulo, Brasil
foto © Everton Ballardin
e Nara Roesler









Eucorpoterraluz, 2016
recortes com sobreposições de papeis transparentes e cetim
cinza com costuras e colagem com folhinhas de cobre e papel
de seda branco sobre papel e uma nodoa de sangue
100 x 49 cm



Mãe, 2016
feltro de algodão, cetim e folhas
de ouro sobre papel chinês
102 x 52 cm



Fragmentos da Linguagem, 2013
aquarela preta, recortes em tiras
de fotografia de palavras escritas,
cruzinha de cobre e relevos com
dobraduras sobre papel
50 x 50 cm



Perdão, 2011
recortes de papel, pigmento
em emulsão acrílica sobre papel,
carimbos, caligrafias com lápis
e colagem de relevos, de folhinhas
de ouro sobre papel
60 x 50 cm



*Legendas para
Bergman, 2001–2002
papel de seda translúcido e folhas
de prata sobre papel de seda
135 x 60 cm*

*vista da exposição
Cores, palavras e cruces, 2012
Nara Roesler São Paulo, Brasil
foto © Everton Ballard
e Nara Roesler*

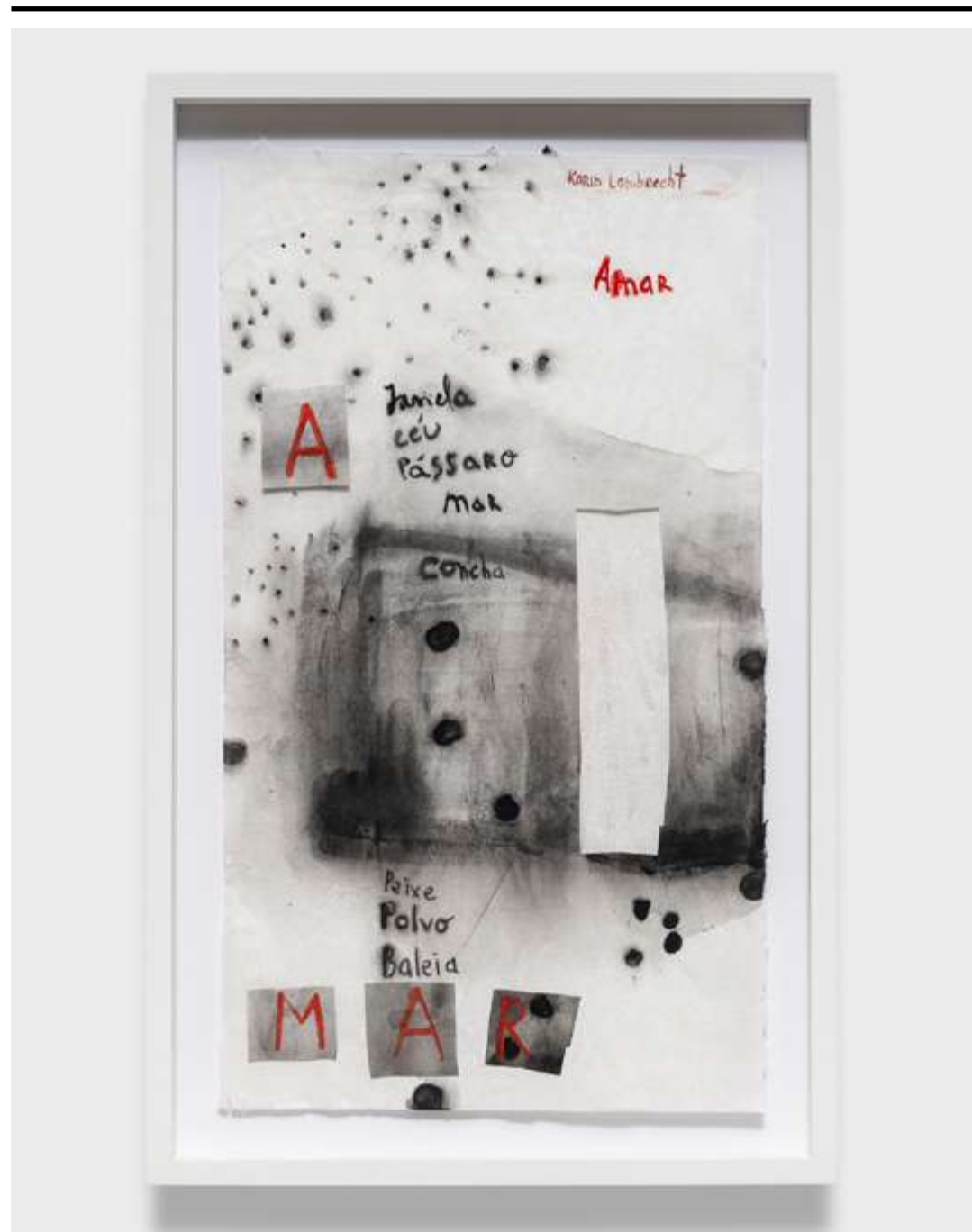
Outra sequência de trabalhos importante são suas aquarelas, em dimensões reduzidas, que combinam também aspectos da colagem e do bordado. Karin compara o ato de fazê-las com o de escrever uma carta, não apenas pelo tamanho, mas também pelo caráter intimista dos trabalhos.

Magnetic Field, 2025
aquarela, bordado, cortes
e colagem sobre papel
37 x 26 cm





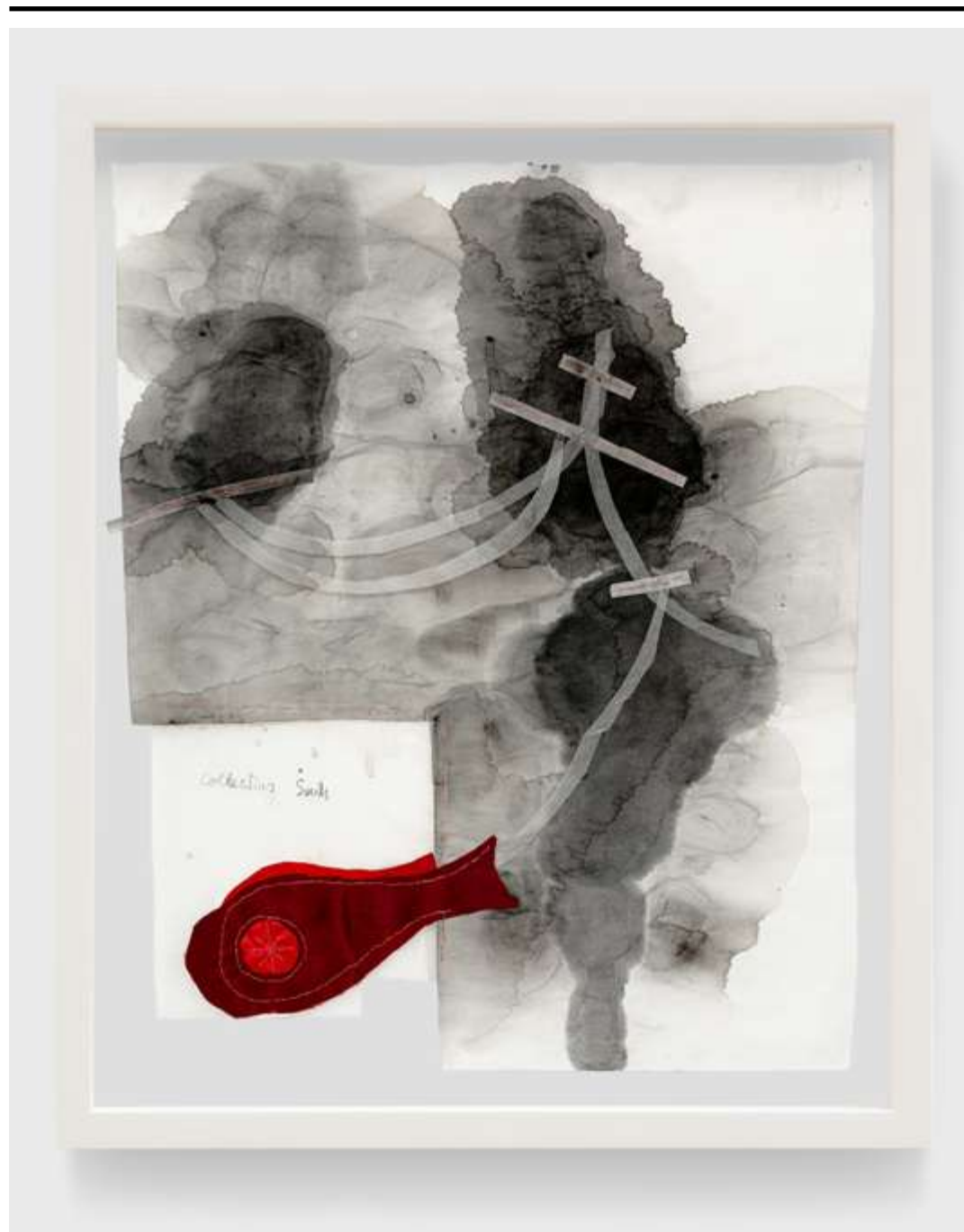
Sem título, 2024
aquarela sobre papel
37 x 26 cm



Amar, 2025
aquarela, cortes
e colagem sobre papel
45 x 25 cm



Cosmos, 2025
aquarela, cortes e
colagem sobre papel
49 x 25 cm



Collecting Souls, 2020
aquarela, cetim e
bordado sobre papel
50 x 40 cm



Cosmos, 2025
aquarela, cortes e
colagem sobre papel
49 x 25 cm



desenhos e gravuras

O desenho permeia a prática de Karin Lambrecht. Ele pode aparecer como forma original, ou como gravura. Para o curador Paulo Miyada “A escrita e o desenho de Karin Lambrecht possui uma vocação *pneumática*, quer dizer, uma capacidade de retenção do respiro ou do sopro de um espírito”. O caráter gráfico se dá por meio de uma gramática de linhas, formas e, muitas vezes, da escrita. A linguagem está presente nas obras da artista na transposição de passagens bíblicas; de passagens literárias, como no caso de *Eu sou tu*, instalação apresentada em 2015 no Instituto Ling, em que a artista transcreve todo um capítulo de *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; ou através de anotações sobre aquilo que se encontra diante de sua visão, como nas aquarelas desenvolvidas desde 2019, em que Lambrecht lista tudo aquilo que consegue observar do ponto onde se coloca em sua casa. O entrelaçamento entre diferentes idiomas também é corriqueiro, tendo em vista que ela faz uso tanto do português, sua língua materna, quanto do alemão, o idioma paterno.

Fragmento de luz negra, 2006
gravura em metal
64 x 49 cm

Segundo Miguel Chaia: “A escrita-imagem registrada nas suas produções carrega referências da alquimia ou de um cristianismo arcaico, que fornecem os indícios do significado da humanidade e de seus paradoxos”. É notável a sua capacidade de condesamento das principais questões gráficas de sua prática nessa técnica. Em trabalhos como *Pai*, de 2008, os desenhos foram apresentados, na Fundação Iberê Camargo, em placas de acrílico em estruturas articuladas que possibilitavam ao observador observar frente e verso de cada imagem, assim como observá-los em sequência, ressaltando seu caráter investigativo e processual.

Sem título, 2005
gravura em metal
edição de 60
59 x 59 cm





Pequeno cosmos, 2009
desenhos prensados entre acrílicos
56 x 79 cm



Não matará, 2009
desenhos prensados entre acrílicos
56 x 79 cm

→
Cruz elementar, 2009/2011
dobradura triangular em papel,
lápiz, grafite, recortes com
bloco de madeira, folhas de
prata e feltro sintético
30 x 30 x 15 cm



Karin Lambrecht
Cristina
BOSCHETTI
2009-2011
Tatiana





instalações

O trabalho de Karin Lambrecht possui, desde o início, um forte caráter espacial. Algumas proposições da artista se fazem através da reconfiguração do espaço pela disposição de estruturas, pinturas, desenhos e objetos que transformam o modo como o percebemos. São esses os casos de seus trabalhos com sangue, além de *9 de agosto de 1949, dia e noite*, *Camus em Porto Alegre*, 2008; *Vento luz e forma*, 1997; entre outros. *Morte da luz*, de 2007, contudo, revela-se um ponto de inflexão em sua produção. Nessa intervenção realizada em uma tela disposta sobre uma parede 51 m² do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), com auxílio de estudantes, Lambrecht alinha cerca de três mil folhas de ouro medindo 15,5 x 15,5 cm (cada). Sobre essa luminosa superfície ela espalha mel de laranjeiras cultivado na própria universidade. Os efeitos da luz, da temperatura, da gravidade e do tempo fazem com que o brilho do dourado escureça aos poucos em contato com o mel. Há aí um discurso sobre a materialidade da pintura e de seus componentes, trazendo a transitoriedade para o primeiro plano.

9 de agosto de 1949, dia e noite,
Camus em Porto Alegre, 2008
mdf, pigmento, cetim, projeção
de imagem fotográfica digitalizada
500 x 500 cm

→
Morte d'luz, 2007
tela coberta em mel de flor de
laranjeira e aproximadamente
3 mil folhas de ouro
51 m²

vista da exposição
MAC USP, 2007



pinturas décadas de 1990 e 2000

Após seus primeiros experimentos pictóricos de caráter exploratório tridimensional, Karin Lambrecht retorna à pintura em chassi, contudo sem se render totalmente ao tradicionalismo do meio. O curador Paulo Miyada fala desses trabalhos nos seguintes termos: “Diz-se que são pinturas, mas haverá quem suspeite dessa nomeação, pois as obras que se descortinam nesse espaço de transição possuem em comum escolhas muito peculiares de materiais e substratos pictóricos – a saber: feltro, cera de abelha, ouro, mel, lona, terra, linho, linho grafite, pigmento e pastel seco. A simples ampliação de recursos para além da trivial ‘tinta a óleo sobre tela’ não seria digna de nota não fosse pela clareza e pelo escrúpulo com que cada matéria atua no campo pictórico”. Essas materialidades diversas embaralham-se e confundem-se na superfície devido a maestria com que a artista as utiliza, criando um campo cromático em que coexistem signos, formas, texturas e cores.

O lago, 1992
pigmentos em meio acrílico,
terra, recortes de papel, fio
e ferro sobre tela
190 x 140 cm







Nas pinturas de Karin Lambrecht as tonalidades azuis e vermelhas aparecem repetidamente. Ambas as cores têm importância fundamental para a tradição artística cristã ocidental, pois, na Idade Média e Renascimento, eram os pigmentos mais preciosos e caros, sendo aplicados principalmente nas vestimentas das representações de Jesus e de sua mãe, Maria. Muitas vezes um dos tons domina a pintura, com suas variações de saturação, ou conversando com cores próximas, outras, elas se entregam e fundem, devindo as amplas e transparentes pinceladas da artista, fazendo emergir violetas e lilases.

Há um princípio de acumulação em sua pintura, não só pela sobreposição de áreas de cor, mas devido a utilização de cortes no suporte, colagens de outros tecidos e materiais sobre a tela, além da utilização de cera e fios, assim como de diferentes metais. Karin Lambrecht, contudo, consegue orquestrá-los de modo a fazer emergir um resultado visualmente harmonioso e potente, capturando nossa atenção sem deixar de causar um estranhamento da ordem do sublime.

Cor Te, 2006
feltro sintético e pigmentos
em meio acrílico sobre tela
150 x 135 cm



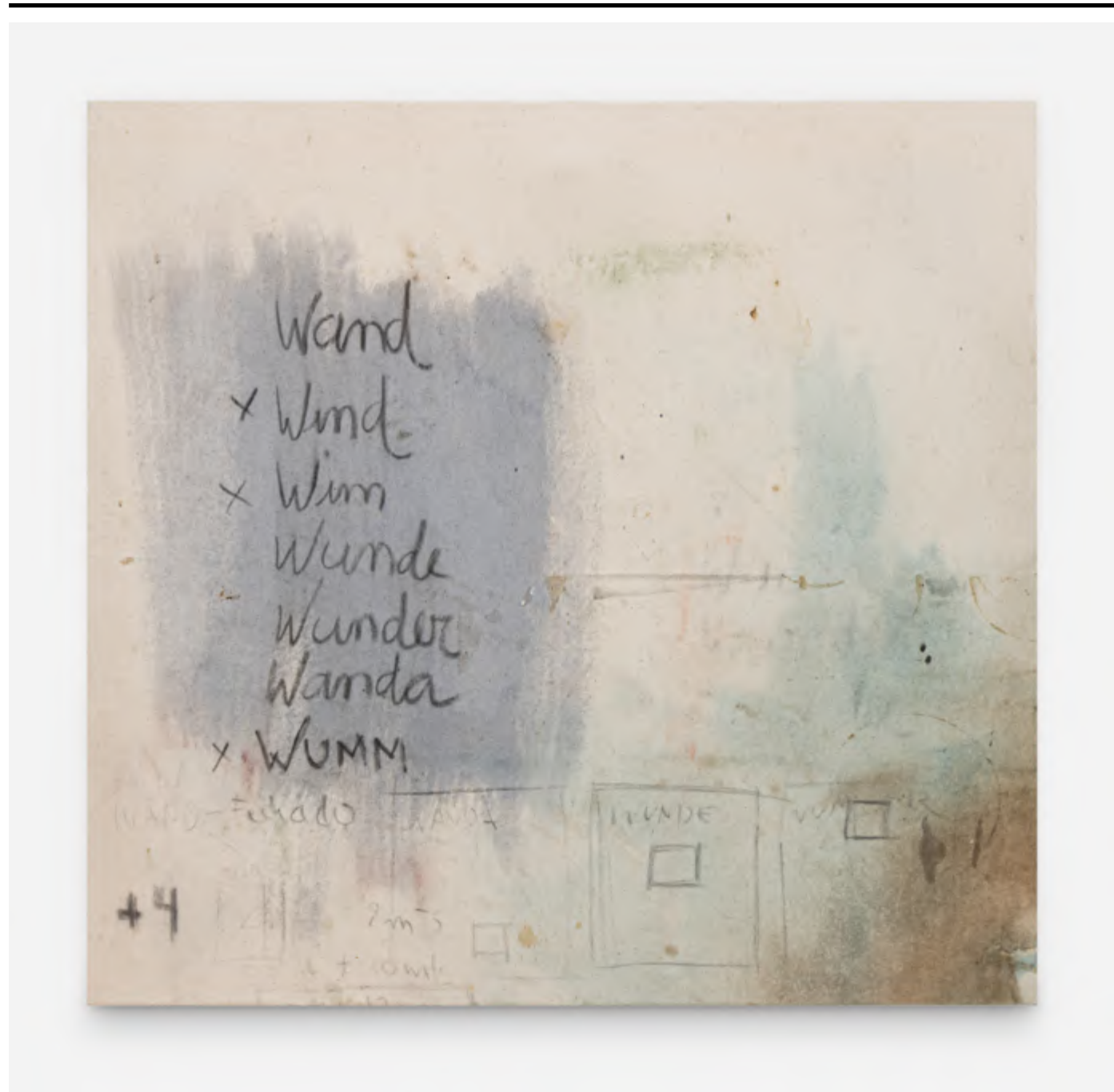
Sem título, 2005
 óleo, grafite, tecido
 e parafina sobre papel
 50 x 65 cm



Sem título, 2005
 óleo e grafite sobre papel
 50 x 56 cm



Sem título, 1990
terra e pigmentos em emulsão
acrílica sobre livro
20 x 27,5 x 1,5 cm



Sem título, 1993
pigmentos em meio acrílico,
carvão e cinza sobre tela
72 x 75,7 x 3 cm



vista da exposição
*Arte Brasileira e
Contemporânea*, 1994
Casa de Cultura Mário Quintana,
Porto Alegre, Brasil

trabalhos com sangue 1997–2008

Os trabalhos utilizando sangue animal, em especial de ovinos e caprinos, são uma das mais potentes e conhecidas produções da artista, e sintetizam as relações entre corpo, natureza, morte, vida, religião e profanidade. No que diz respeito aos aspectos formais, eles revelam o interesse por diferentes suportes e sua pesquisa com novos pigmentos. O início dessa prolongada série se deu em 1997, em meio a uma epidemia de febre aftosa no Rio Grande do Sul, região habitada pela artista. Karin Lambrecht passou a investigar os rituais de abate de animais, uma realidade que até então desconhecia. Além de visitar esses espaços de sacrifício, ela realizou pesquisa histórica, ampliando seus conhecimentos e interpretações sobre o ato, que, para ela, se aproximava do modo judaico de abate. Outra característica que chamou sua atenção era um certo processo de fusão entre algo e vítima durante o procedimento.

Meu corpo Inês, 2005
sangue de ovelha sobre vestido
e duas fotografias
instalação
dimensões variáveis

vista da exposição
Lágrimas, 2005
Mosteiro de Alcobaça,
Alcobaça, Portugal





Morte eu sou teu, de 1997, é um dos trabalhos inaugurais. Lambrecht compõem desenhos sobre toalhas, assim como estrutura formas, amarrando e pendurando esse material maleável. O contraste entre o vermelho e o branco, assim como o informe das figurações realizadas pela artista, não criam uma narrativa nítida para o observador, mas servem como rastros de gestos que se sobrepõem na superfície do suporte. Sobre esse processo, a artista diz: “O meu trabalho tem que estar nos ‘conformes éticos’ aos olhos do abatedor para que eu possa estar presente junto a eles. É um momento horrível. Sei de antemão o que será visto, a morte de um carneiro, os sofrimentos do animal sendo abatido de um só golpe de faca. Creio que o trabalho que apresento contém a memória destes fatos, porém é uma memória invisível ao olhar, mas esta lá. Igualmente ela está contida no trabalho *Pai*. Eu considero a mancha de sangue como uma sombra da matéria, algo como uma tensão contínua da existência orgânica gerando constantemente um conflito entre corpo e espírito”. *Animal*, de 2004; *Desmembramento*, de 2000; e *Caixa de primeiro socorro*, de 2005; seguem na mesma linha de articulação de elementos, sedo que o último, apresentado na 5ª Bienal do Mercosul, introduz o uso da fotografia.

Animal, 2004
sangue de ovelha sobre
pano branco e papel
170 x 50 cm / 67 x 127 cm

Convidada a participar da 25ª Bienal de São Paulo, em 2002 Lambrecht realiza instalação *Sem título*, com quatro vestidos brancos pendurados em uma estrutura de madeira sobre tablado. Três das indumentárias estão cobertas com o sangue de animais, cada um recolhido durante o abate, em três diferentes localidades. No chão, há três nichos cruciformes que também apresentam tecidos com sangue. Ao fundo, uma fotografia em preto e branco mostra duas mãos que recolhem e sustentam as vísceras de um cordeiro.

Meu corpo Inês, foi realizado em 2005, como parte de um projeto em que oito artistas foram convidados para conceber homenagens à Dona Inês de Castro, amante de D. Pedro I de Portugal, futuro rei, com quem teve quatro filhos. Contudo, ela foi assassinada, em 1355 por degola a mando do rei Dom Afonso IV. Karin Lambrecht, realiza uma ação, registrada em fotografia e exposta como instalação, em que a sua mãe e sua filha parecem incorporar duas temporalidades da vida de Inês. A artista relata o fascínio ao observar o sangue absolutamente vermelho e brilhante ao jorrar. Essa característica expressiva fez com que ela optasse pela imagem em preto e branco como forma de introduzir o silêncio na cena. O trabalho final consta das vestimentas utilizadas na ação, dispostas sobre uma elipse no chão em frente aos registros fotográficos.



Sem título, 2001
quatro panos de algodão with
bloodstains provenientes de ovelhas
abatidas em três diferentes cidades
do Rio Grande do Sul
dimensões variáveis

vista da exposição
25ª Bienal de São Paulo, 2002
São Paulo, Brasil



Desmembramento, 2000
sangue de ovelha sobre linho
180 x 1170 cm

→
Caixa do primeiro socorro, 2005
sangue de ovelha sobre tecido
e papel, documentação de uma
ação no Chile
dimensões variáveis

vista da exposição
5ª Bienal do Mercosul, 2005
Porto Alegre, Brasil



pinturas década de 1980

A partir de 1986, a pesquisa de Karin Lambrecht se dirige com maior intensidade para a pintura, sem abandonar completamente uma espacialidade, devedora das técnicas de assemblagem e colagem. São desse período as primeiras telas compostas por grandes planos recortados e suspensos livremente. Nas palavras do curador Agnaldo Farias, a artista “desmontou o quadrilátero canônico da pintura, dismantelou sua estrutura, reorganizando a geometria do chassi em arranjos mais espontâneos, mais próximo de certas construções mais toscas, como estandartes e cabanas. Suas pinturas, fixadas nessas estruturas, eram feitas em tecidos rasgados e queimados. Parte delas trazia mesmo o chassi à mostra, quando também não traziam partes soltas, fragmentos de sucatas industriais, sobras de utensílios inutilizados e esquecidos, pequenos volumes realizados em materiais toscos, como chapas de metal corrugado, ripas de madeira”. Esse interesse por materialidades diversas expõe o desejo de se ampliar as possibilidades da arte, alargando o cânone pictórico. Também é característico dessa época o uso de pigmentos azuis, que nas décadas seguintes conviverão de modo mais intenso com vermelhos, amarelos e ocre.

2010, 1990
pigmentos em meio acrílico
sobre tela
330 x 200 cm

vista da exposição
Subdistrito, São Paulo, Brasil, 1990

→
Fragmentos Amorfos, 2006
terra, óleo, giz, pano, feltro,
e cliques de cobre
183,5 x 192,5 cm

vista da exposição
Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil





Para a 19ª Bienal de São Paulo, com curadoria de Sheila Lerner, Lambrecht realiza *Ester ou Ester entra no pátio interior da casa do rei*. O título da instalação faz referência a uma narrativa judaica, também presente na bíblia. Os temas religiosos, expressos pelo uso de citações diretas de livros religiosos, ou no uso de símbolos, como a cruz, figuram em grande parte da produção da artista. Lambrecht não se considera uma pessoa religiosa, mas se sente atraída e pesquisa esses temas e narrativas justamente por compreender o impacto e importância que elas possuem na nossa cultura cristã ocidental. Nessa proposição para a Bienal, vemos a articulação de diversos elementos, uma foto de uma criança indígena meio apagada pela pintura habita o espaço junto a outras pinturas e diversos elementos tridimensionais. A artista empilha e equilibra bancos de madeira, criando uma composição sutil e instável que faz convergir a pictorialidade das telas com a materialidade e composição dos objetos no espaço.

O destino: Muss es sein – es muss sein, 1986
pigmentos em meio acrílico sobre tela e sucata de metal
280 x 200 cm

→
Ester ou Ester entra no pátio interior da casa do rei, 1987
pigmentos em meio acrílico sobre tela e sucata de metal
250 x 250 cm

vista da exposição
19ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1987



Sem título, circa 1980
pigmentos em meio acrílico
e colagem de papel sobre lona
190 x 146 cm



primeiros trabalhos, exercícios de pintura

anos 1980

Após formar-se em gravura e desenho na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no final da década de 1970, Karin Lambrecht muda-se para Alemanha, terra natal de seu pai, aonde faz cursos na Hochschule der Künste, em Berlim com Raimund Girke e Robert Kudielka. Incentivada por esse contato com um novo cenário intelectual e artístico, ela abandona sua prática anterior em arte postal e passa a explorar as possibilidades da pintura, investigando suas relações com materiais e espaços diversos. A relação entre o pictórico, o escultórico e o espaço onde se inserem, são os elementos estruturantes de sua prática nesse período. Outras referências são o movimento arte povera, além dos artistas Robert Rauschenberg e Joseph Beuys.

Caminho do rio, 1982, sintetiza algumas dessas primeiras experiências de Lambrecht. Sobre uma caixa de papelão impermeável de 70 x 70 x 30 cm, a artista aplica pigmentos utilizando a técnica da têmpera de ovo e goma Laca. Esse objeto, foi lançado ao rio. As cores aplicadas sobre a superfície se confundiam com a coloração matinal projetada sobre a superfície espelhada das águas. Esse efeito impressionista era justamente o que a artista buscava. Outros trabalhos da época exploram coloridos objetos de madeira recobertos de lona, ou papelão pintado sobre a areia ou neve. Nesses casos, Lambrecht parece explorar as possibilidades de contraste e semelhança entre formas, cores e materiais, tensionado as relações entre a natureza e a imagem produzida pela mão humana.



Caminho do rio, 1982
estudo de cor; pigmentos
em caixa de papelão,
Rio Spree, Berlim



Caminho do rio, 1982
estudo de cor; pigmentos
em caixa de papelão,
Rio Spree, Berlim

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art